

JOSTEIN GAARDER

Anna e o planeta

Tradução do norueguês

Leonardo Pinto Silva

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2013 by H. Aschehoug & Co. (W. Nygaard) AS

Esta tradução foi publicada com o apoio financeiro de NORLA.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Anna: En fabel om klodens klima og miljø

Capa

Sabine Dowek

Preparação

Lígia Azevedo

Revisão

Renata Lopes Del Nero

Marina Nogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gaarder, Jostein

Anna e o planeta / Jostein Gaarder ; tradução Leonardo Pinto Silva.
— 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2017.

Título original : Anna: En fabel om klodens klima og miljø
ISBN 978-85-5534-025-3

1. Ficção norueguesa 1. Título.

16-08480

CDD-839.823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norueguesa 839.823

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

facebook.com/editoraseguinte

twitter.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Sumário

- O passeio de trenó, 7
- O dr. Benjamin, 13
- O terminal, 26
- A luz azul, 33
- A bisavó, 35
- As caixas vermelhas, 40
- O guarda-chuva, 47
- O petróleo, 49
- Os camelos, 53
- O arquivo, 55
- A caravana, 59
- As listas vermelhas, 62
- Noite de inverno, 67
- A herança mundial, 70
- Os balões, 76
- A piscina, 78
- As tulipas, 81

A chave, 83
As trilhas, 87
O corral, 89
Cotas climáticas, 93
Uma nova chance, 96
Os carros brancos, 103
A rã, 105
As máquinas verdes, 109
Gamificação, 111
A casa, 124
O anel de Aladim, 126
O tribunal do clima, 132
As luvas, 135
O zoológico, 137
A identidade, 139
O planeta, 142
A carta, 144
A falha lógica, 149
O bisavô, 151
O vilarejo, 156
Ester, 158

O passeio de trenó

Até onde chegava a memória, ela se lembrava das famílias da aldeia indo de trenó para o alto da montanha na véspera do Ano-Novo. Os cavalos estavam escovados e enfeitados e sinos e tochas colocados nos trenós clareavam a noite. Houve anos em que um trator teve que abrir caminho para que os cavalos não ficassem atolados na neve alta e fofa. Mas eles costumavam passar a virada nas montanhas, e não iam para lá esquiando, mas em trenós puxados por cavalos. Mesmo diante de toda a mágica do Natal, aquele passeio de trenó era o verdadeiro encantamento do inverno.

Na noite de Ano-Novo, tudo era diferente. Crianças e adultos se juntavam num burburinho frenético. Aquele dia virava as famílias de cabeça para baixo. Em uma única noite, elas se despediam do velho e davam boas-vindas ao novo. Rompiam uma fronteira invisível que separava o que tinha sido do que estava por vir. *Feliz Ano-Novo! E obrigado por tudo o que passou!*

Anna adorava tanto aquele momento que não conseguia decidir do que mais gostava: se ir lá para o alto festejar o finzinho do ano ou curtir o que chegava enroladinha nu-

ma manta de lã com a mãe e o pai ou num abraço gostoso com algum vizinho.

Mas na virada do ano em que Anna completou dez anos, a neve não caiu, nem no alto da montanha nem nas planícies abaixo. O frio já tinha tomado conta da paisagem havia tempo, mas, exceto por uma ou outra geada, não havia neve. A montanha estava lá, vergonhosamente nua sob o céu azul, despida do manto branco com que se cobria no inverno.

Os adultos balbuciavam algo sobre “aquecimento global” e “mudanças climáticas”, e Anna refletia sobre aquelas expressões. Pela primeira vez na vida teve a sensação de que o mundo estava uma confusão.

Mas era véspera de Ano-Novo, hora de subir a montanha, e aquele ano a única maneira de fazer aquilo era rebogado por um trator. As tradicionais visitas de ano-bom teriam que ocorrer enquanto ainda estava claro, pois sem a neve a noite era tão escura que não se via um palmo à frente do nariz. Nem as tochas seriam suficientes, e colocá-las no trator ou no reboque seria uma péssima ideia.

Bem cedo, cinco tratores partiram serpenteando pelo bosque de bétulas a caminho das montanhas, carregados de bebidas e comidas gostosas. Com ou sem neve, haveria um brinde ao novo ano, talvez até algumas brincadeiras no terreno congelado.

Só que a falta de neve não era o único assunto do momento. Entre o Natal e o Réveillon, algumas pessoas avisaram renas selvagens rondando as fazendas e até brincaram que Papai Noel tinha deixado algumas para trás depois de distribuir os presentes.

Anna percebeu que a aparição das renas era assustadora e preocupante. Elas eram selvagens e nunca tinham se aproximado de áreas urbanas. Numa fazenda, tentaram dar comida a uma rena assustada, e aquilo até virou manchete de jornal: **RENA SELVAGEM INVADE ALDEIAS NAS MONTANHAS.**

Um cortejo de tratores com reboques partiu a caminho das montanhas no último dia de dezembro. No primeiro reboque iam Anna e mais algumas crianças. Quanto mais subiam, mais vitrificada parecia a paisagem. Devia ter chovido pouco antes de a temperatura cair abaixo de zero e congelado tudo.

Ao avistar a carcaça de um animal ao lado da pista, os tratores pararam. Era uma rena congelada. Alguém explicou que devia ter morrido de fome.

Anna não entendeu direito. Pouco tempo depois, chegaram ao alto da montanha e ela pôde ver que toda a paisagem estava congelada. Não era possível arrancar nem uma pedrinha ou uma folhinha de grama da carapaça de gelo.

Ao passar pelo lago Brea, os cinco tratores pararam novamente, desligando os motores. Foi decidido que o gelo era seguro, e tanto adultos quanto crianças foram conferir de perto. Uma alegria foi tomando conta de cada um que enxergava as trutas nadando sob a camada de água congelada.

Não demorou para um monte de gente começar a jogar hóquei e andar de trenó, mas Anna preferiu caminhar sozinha pela margem do lago, examinando o líquen congelado. Sob uma fina camada de gelo ela viu um pouco de musgo, algumas urzes e plantas com folhas vermelhas como brasas. Era uma visão bonita, quase como se ela estivesse diante de um mundo mais nobre e mais delicado do que aquele. Mas não tardou para que se deparasse com um camundongo morto... e outro logo adiante. Sob uma bétula ela descobriu um cadáver de um lemingue, outro pequeno roedor. De repente, aquele gostinho de aventura chegou ao fim. Ela tinha aprendido que camundongos e lemingues passavam o inverno sob os arbustos e a vegetação rasteira, debaixo do manto macio de neve que cobria as montanhas. Agora que não havia mais neve, era difícil para eles sobreviver.

Anna também percebeu por que as renas tinham sido forçadas a ir para terras mais baixas. Não tinha nada a ver com Papai Noel.

SEIS ANOS DEPOIS...

O dr. Benjamin

Anna estava sentada ao lado dos pais na velha sala de estar revestida de madeira. A noite caíra havia horas, e seu pai já tratara de acender a lareira e todas as velas da casa. Era dia 10 de dezembro, e faltavam apenas duas noites para ela completar dezesseis anos.

Seus pais estavam deitados no sofá, vendo um filme sobre as grandes navegações pelo Oceano Pacífico na tv. Ou seria um documentário sobre um dos lendários capitães de embarcações do século XVIII? Anna não tinha certeza, não estava prestando atenção.

Estava sentada diante da mesa lançando olhares para as imagens do Pacífico que rebrilhavam na tela. Recortava uma pilha de jornais com uma grande tesoura.

Em agosto, Anna começara o ensino médio e, poucos dias depois, conhecera Jonas, que estava um ano à sua frente. Eles logo se tornaram bons amigos e chegaram a brincar que eram namorados, mas com o tempo se descobriram apaixonados de verdade.

Anna pôs uma grande xícara de chá sobre os recortes de jornal e sorriu. A vida podia trazer grandes reviravoltas!

Para aquilo pelo menos ela estava bem preparada. Naquele dia, tinha ganhado o velho anel que pertencera à tia de sua avó, Sunniva. Ela sabia havia muito tempo que ia herdá-lo quando fizesse dezesseis anos. O presente já fora entregue porque a mãe de Anna ia viajar cedo no dia seguinte para uma conferência. A família se reuniu para o jantar e de sobremesa comeu um bolo de marzipã com uma rosa vermelha na cobertura que a mãe de Anna comprara na confeitoria. Assim que terminaram a refeição, Anna abriu o embrulho e tirou o anel de rubi da caixa velha. Anna passou o resto da noite com a joia enfiada no dedo, admirando-a cinco ou seis vezes por minuto enquanto recortava os jornais.

O anel tinha mais de um século, talvez até muito mais que isso. Aquela joia ancestral estava ligada a uma série de histórias incríveis.

Anna também ganhara de presente o celular que tanto desejava. Embora fosse um celular daqueles, tinha quase sido deixado de lado diante do anel. Mas era incrível ter acesso ao vasto mundo da internet com apenas um toque.

Mas o mais incrível que acontecera naquele ano tinha sido a viagem para Oslo, em meados de outubro, embora a história tenha começado um pouco antes.

Desde pequena, Anna costumava ouvir que tinha uma imaginação muito fértil. Quando perguntavam no que estava pensando, ela contava muitas histórias, e todos achavam aquilo encantador. Foi durante a primavera que começaram a surgir histórias que Anna sentia que eram verdadeiras. Ela achava que tinham mesmo acontecido com ela, talvez em outro tempo, ou até mesmo em outra realidade.

Então Anna resolveu conversar com uma psicóloga, e as sessões avançaram outono adentro. Por fim, a mulher achou melhor que ela fosse consultar um psiquiatra em Oslo. Anna não rejeitou a ideia nem achou que era algo de que

devia se envergonhar; parecia até uma honra ser examinada por um psiquiatra.

Mas ela exigiu viajar sem os pais, e Jonas se ofereceu para acompanhá-la. Sua mãe e seu pai, entretanto, bateram o pé e decidiram que um dos dois teria que ir junto. O combinado foi que ela viajaria com Jonas, mas sua mãe iria também, em outra cabine do trem.

No início da tarde, os três já estavam no hospital onde Anna tinha uma consulta marcada. Nem a mãe nem Jonas, porém, puderam entrar no consultório, e Anna percebeu que sua mãe reagiu como se tivesse sofrido uma derrota. Ela queria estar junto da filha enquanto sua alma era desvendada, mas tinha que se contentar em ficar na sala de espera com Jonas.

Anna simpatizou com o dr. Benjamin. Ele era um senhor de cinquenta ou sessenta anos, com cabelo grisalho comprido preso num rabo de cavalo. Usava um único e minúsculo brinco de estrela violeta, e guardava uma caneta vermelha no bolso da jaqueta preta. Tinha um brilho nos olhos curioso e pareceu muito interessado enquanto conversavam.

A garota ainda se lembrava da primeira coisa que o psiquiatra dissera assim que fechara a porta do consultório: que aquele era o dia de sorte de ambos, porque a consulta seguinte tinha sido cancelada, e os dois poderiam passar mais tempo conversando.

O sol banhava a sala pintada de branco, e Anna admirou as folhas amarelas e vermelhas que coloriam as árvores no outono. Até conseguiu avistar um esquilo subindo e descendo de um pinheiro.

— *Sciurus vulgaris* — ela disse. — O esquilo comum. Já não são tão comuns na Inglaterra. Ele vem perdendo espaço para o esquilo-cinzento, que é norte-americano.

O psiquiatra arregalou os olhos, e Anna achou que talvez estivesse impressionado com seu conhecimento sobre a natureza. Quando ele se virou para olhar para o esquilo, ela

notou a foto de uma linda mulher num porta-retratos vermelho em cima da escrivaninha. Uma filha ou a esposa? Anna quis perguntar, mas no instante seguinte o dr. Benjamin se virou e encobriu a imagem. Ela resolveu deixar para lá.

Anna ficou imaginando como seria ser submetida a um exame psiquiátrico. Não era nada fácil imaginar como um médico espiaria dentro da cabeça dela, mas supôs que a primeira coisa que faria seria examinar seus olhos com um instrumento óptico especial. Afinal, os olhos não são o espelho da alma? Também achava que ele tentaria enxergar dentro de sua cabeça através das orelhas, do nariz ou da boca, porque, diferentemente de um psicólogo, o psiquiatra era um médico de formação. Ela não tinha certeza se deveria dar crédito às fantasias que iam se apossando de sua mente como pequenos trechos de filmes, mas realmente estava com medo de que ele a hipnotizasse e a forçasse a revelar todos os seus segredos. Torcia para que não fizesse isso, pois não gostava da ideia de perder o controle sobre si mesma. Se o psiquiatra queria saber de suas intimidades, teria que lançar mão de outros recursos.

Mas eles apenas conversaram! O dr. Benjamin lhe fez várias perguntas interessantes, e a conversa foi ficando tão animada que Anna até se permitiu perguntar algumas coisas. Como um psiquiatra se sentia? Ele mesmo não tinha algumas histórias engraçadas para compartilhar? Também não sonhava que era outra pessoa? Tinha a sensação de ser uma espécie de clarividente?

Depois de uma longa pausa, o dr. Benjamin resumiu a conversa.

— Anna — ele disse —, não vejo nenhum indício de que você esteja doente. Tem uma imaginação fora do comum e uma maneira peculiar de se colocar em situações pelas quais não passou. Você pode achar isso um pouco cansativo às vezes, mas é normal.

Anna concordava. Tinha certeza de que não estava maluca. Ainda bem que não tinha perdido a capacidade de

acreditar nas próprias fantasias de vez em quando, pensou. Ela contou que tinha a sensação de que seus pensamentos a invadiam, em vez de surgir dentro da sua cabeça.

O médico ficou sentado, assentindo.

— Acho que sei como é — ele disse. — Tem uma imaginação tão vertiginosa que as coisas parecem desmoronar sobre você, que até duvida que façam algum sentido. Mas a imaginação é uma característica humana. Todos a temos, em maior ou menor grau. Todos temos uma vida nos sonhos. Só que no dia seguinte nem todos conseguem se lembrar do que sonharam. É aí que reside seu dom muito raro. Você carrega consigo os sonhos da noite anterior...

Anna fora um tanto cautelosa ao colocar todas as cartas sobre a mesa.

— Ao mesmo tempo, tenho a sensação de que esses sonhos vêm de outra realidade, ou de outra época.

O psiquiatra voltou a assentir.

— A capacidade de acreditar também é um traço muito arraigado na nossa natureza. Os homens, em todas as épocas, contataram forças sobrenaturais, como deuses, anjos ou seres ancestrais. Alguns até afirmam que viram esses seres, ou os conhecem. Para algumas pessoas, essa crença se manifesta de maneira mais intensa do que para outras. É exatamente como as demais diferenças entre as pessoas. Alguns são ótimos no xadrez, outros fazendo cálculos de cabeça. Outros sabem usar a imaginação ou acreditam intensamente. Nesse último caso, talvez Anna Nyrud se desaque dos demais.

Ela observou novamente a luz do sol que brincava com o colorido das folhas lá fora.

— No entanto, se você achasse que as abelhas e os besouros do seu jardim são controlados pela CIA e estão espiando você, então eu diria que tem um grave distúrbio mental.

Ela o interrompeu:

— Como você sabe que tem um jardim onde eu moro?

— Você disse à sua psicóloga que não queria encontrar uma rena em seu jardim.

Anna riu.

— Gosto muito do meu jardim. E das abelhas...

— Ah, é?

— Elas são parte da natureza, assim como você e eu. E é claro que não são controladas pela CIA. São controladas pelos próprios genes. Acho que são uma espécie de representantes da Mãe Natureza.

— Exatamente — disse o médico. — E isso não pode ser considerado uma ideia extravagante, ou, como dizemos no jargão médico, uma “ideação delirante”.

Ele espiava a tela do computador de vez em quando, enquanto conversavam. Anna se deu conta de que o psiquiatra estava consultando o relatório que a psicóloga lhe enviara.

— Você tem medo de alguma coisa, Anna? — dr. Benjamin perguntou.

Ela respondeu de bate-pronto:

— Aquecimento global.

O fleumático psiquiatra era um médico experiente e foi a primeira vez que pareceu surpreso diante da fala de Anna.

— O que foi que você disse? — ele perguntou.

— Disse que tenho medo do aquecimento global, da mudança climática causada pelo homem. Tenho medo de que estejamos colocando o meio ambiente em jogo sem a mínima consideração pelos que virão depois de nós.

O psiquiatra levou alguns segundos para responder.

— Esse é um medo real que infelizmente não posso tirar dos seus ombros. Se dissesse que tem medo de aranhas, seria diferente. Em circunstâncias assim falamos em “fobia”, e pode até ser o caso de algum tipo de tratamento, como uma exposição gradual àquilo que o paciente tem medo. Mas não há como tratar um paciente preocupado com o aquecimento global.

Anna encarou o dr. Benjamin e deu uma olhada em seu brinco.

— Você tem ideia de quantos bilhões de toneladas de dióxido de carbono a humanidade lançou na atmosfera somente nos últimos dez anos?

Para grande surpresa de Anna, o psiquiatra respondeu sem titubear:

— Sei que hoje há cerca de quarenta por cento mais dióxido de carbono na atmosfera do que quando começamos a queimar petróleo, carvão e gás, derrubar florestas e cultivar a terra de forma intensiva. Há mais de seiscentos mil anos o nível de dióxido de carbono não era tão alto, e a razão da mudança são as emissões realizadas pelo homem.

Ela ficou impressionada. Não eram muitas as pessoas que dominavam aquele assunto, a despeito de sua importância. Anna fez um sinal de positivo e disse:

— Os gases que provocam o efeito estufa já são tantos que ninguém mais sabe as consequências que terão no clima. E as emissões continuam acontecendo...

O dr. Benjamin apoiou as palmas da mão na mesa à frente, abaixou a cabeça e se inclinou para a frente durante um ou dois segundos. Então finalmente voltou a encará-la. Aparentava até certo constrangimento. Ele disse:

— Estamos entrando numa área que não é bem minha especialidade, mas posso lhe garantir que também me preocupo com tudo o que diz respeito à queima de carbono e às consequências que pode ter para a vida na Terra. Muito embora essas coisas não tenham nada a ver com a psiquiatria...

Quando ele hesitou em prosseguir, ela disse:

— Pode continuar. Sou toda ouvidos.

Ele disse:

— Às vezes eu me pergunto se vivemos numa cultura que se recusa a ver algumas verdades fundamentais. Você comprehende o que quero dizer com isso?

— Acho que sim. Achamos tão incômodo refletir sobre certas coisas que preferimos esquecer que elas existem.

— É exatamente isso.

Anna sentiu um impulso súbito. Não sabia o motivo, só tinha acontecido, como se sua mente tivesse se conectado a outra realidade, e ela se percebeu dizendo:

— O que você acharia se eu lhe dissesse que tenho medo dos árabes?

Ela riu um bocado.

— Bem, provavelmente ia sugerir que você passasse um pouco de tempo com eles. Acho que seria a melhor conduta a tomar.

— Certo...

— Mas, voltando ao assunto, não tratamos de pacientes preocupados com o aquecimento global. Mas talvez devêssemos prescrever algo para a ausência de preocupação com esse problema. Porque não estamos lidando direito com essa ameaça. Ao contrário! Estamos tentando ignorar o problema.

Anna percebeu que o psiquiatra se dirigia a ela o tempo inteiro como uma adulta, e gostou disso. Ele falava com ela de igual para igual. Só ficou sem palavras quando ele quis saber se ela pertencia a alguma organização ambiental. Era uma pergunta inusitada para um consultório médico, mas foi ela quem tinha começado a falar sobre mudanças climáticas.

A garota respondeu que aquilo não existia onde ela morava. Lá tudo se resumia a estudar e trabalhar, dar umas voltas de carro ou moto e, claro, sair à noite e encher a cara no fim de semana.

— Aquele jovem que veio com você é seu irmão?

Ela riu.

— Ah, não, é o Jonas. Ele é só meu namorado.

Ela achou que parecia descolada dizendo: “Ele é só meu namorado”.

Jonas também teria achado.

— Ele se preocupa com as questões climáticas?

— Jonas está no segundo ano e estuda física, química e biologia. Sabe como é, está aprendendo um pouquinho sobre o mundo...

— Sim, com certeza.

— Na verdade o aquecimento global não tem tanto a ver com o que vemos com nossos olhos. Ou se aprende do que se trata, ou se vive na ignorância.

— Acho que você tem razão, Anna. Não me surpreenderia se menos de um por cento da população do país conseguisse calcular sua pegada de carbono.

Anna sentiu o coração dar um salto. A pegada de carbono era um assunto sobre o qual ela e Jonas tinham acabado de falar. Seu trabalho final do nono ano tinha sido sobre aquecimento global. Ela perguntou:

— Você sabe? Sabe fazer a conta da sua pegada de carbono?

O bondoso médico fez uma breve palestra para Anna enquanto desligava seu computador e arrumava umas folhas de papel em cima da escrivaninha. Primeiramente, discorreu sobre o ciclo que o dióxido de carbono percorre na natureza. As plantas retiram o dióxido de carbono do ar através da fotossíntese e dessa maneira mantêm o carbono dentro de organismos vivos, enquanto o mesmo gás é liberado no ar pela respiração dos animais e pela decomposição da matéria orgânica. Ele apontou o notável equilíbrio entre a quantidade de dióxido de carbono que é liberada na atmosfera através de erupções vulcânicas e aquela que é decomposta pelo clima e pelo vento, e por fim acaba entranhado na crosta da Terra. Equilíbrio esse que permaneceu quase constante durante centenas de milhares de anos, sem que a humanidade o influenciasse. O dr. Benjamin continuou:

— Todo o carbono que foi armazenado em petróleo, carvão e gás ficou “estacionado” nesse circuito durante milhares de anos. Mas esse equilíbrio sutil...

Anna tirou as palavras de sua boca.

— ... foi totalmente abalado pelos homens, que queimaram petróleo, carvão e gás e despejaram dióxido de carbono na atmosfera.

— Exatamente. Embora a quantidade de dióxido de carbono liberada devido a atividades humanas produza apenas uma pequena fração do que está em circulação de corrente do ciclo natural do carbono, o resultado é um excesso de resíduos que a natureza não consegue mais manter na crosta terrestre. Então a atmosfera vai ficando cada vez mais saturada de dióxido de carbono.

— Porque ele não para de se acumular.

— Correto. Você sabe disso tão bem quanto eu. Se a cada dia ingerir mais calorias de que seu corpo necessita para se manter funcionando, com o tempo vai acumular gordura. O dióxido de carbono se acumula da mesma forma na atmosfera.

— E torna a Terra mais quente. Quanto mais dióxido de carbono houver na atmosfera terrestre, mais calor. Por isso as geleiras e os glaciares estão derretendo, e o que já está ruim vai piorando, porque o gelo e a neve refletem a maior parte dos raios solares, mas o mar e as montanhas, não. Então a Terra esquenta ainda mais.

— É isso que chamamos de reforço indutivo.

— Isso pode fazer com que o solo congelado da tundra derreta também, liberando não apenas dióxido de carbono, mas metano. Esse é outro gás importante para o efeito estufa, que só contribui para tornar a Terra ainda mais quente. A quantidade de vapor de água na atmosfera vai aumentar, e o calor também. Agora é o gelo da Groenlândia que está ameaçado, e talvez as geleiras da Antártida.

O dr. Benjamin ergueu a mão espalmada e Anna percebeu que ele estava tentando contê-la. Mas ela não podia desperdiçar aquela oportunidade de falar. Então disse:

— O efeito estufa pode sair completamente do controle e, na pior das hipóteses, fazer com que a temperatura

média do planeta aumente entre seis e oito graus. Então talvez todo o gelo que existe sobre o planeta derreta, e o nível do oceano suba algumas dezenas de metros. Na mitologia nórdica existe uma palavra para o que pode vir a acontecer com a Terra: *ragnarök*.

O dr. Benjamin se levantou para se despedir e acompanhar Anna até a porta. Mas antes de abri-la, ele disse:

— E se você e Jonas começassem uma organização ambiental juntos? Acho que dentro dessas duas cabecinhas mora uma pequena fera louca para defender o local onde vocês moram. Talvez seja a melhor coisa a fazer para conviver com o medo que você tem da destruição provocada pelas mudanças climáticas. Não é saudável ficar represando o medo dentro de si por muito tempo. Ele pode facilmente se instalar e ficar remoendo dentro da gente. E estou falando novamente como um psiquiatra. Se puder lhe dar um conselho é esse: ponha seu medo para fora. Dê uma volta com ele e alivie sua mente!

O dr. Benjamin remexeu num dos bolsos e entregou a Anna o cartão de visitas.

— Me ligue ou me mande um e-mail se quiser falar mais. Não é incômodo nenhum.

Quando chegaram à sala de espera, o psiquiatra apertou a mão da mãe de Anna e de Jonas. Ele alternou o olhar entre um e outro e disse:

— Muito obrigado por me emprestarem Anna. Vocês têm sorte de conviver com ela.

A mãe de Anna ficou tão orgulhosa que até fez uma reverência para agradecer. No bonde a caminho do centro, perguntou por que o psiquiatra tinha um brinco de estrela, como se a filha pudesse explicar o motivo. Sua mãe e Jonas não tinham como saber o que ela e o dr. Benjamin tinham conversado, então ela respondeu:

— É porque ele sabe que habitamos um planeta frágil que gira em torno de uma estrela no espaço. Nem todas as

pessoas têm consciência disso. Só as que têm podem usar uma estrela roxa na orelha.

Tanto sua mãe quanto Jonas olharam boquiabertos para ela, que acrescentou:

— Um adulto não sai por aí com um brinco de estrela se não houver uma associação com o fato de viver num corpo celeste.

A mãe de Anna voltou para casa no trem da tarde, mas a garota e Jonas ficaram passeando de mãos dadas pelas ruas da capital e só tomaram o trem noturno. Eles passearam pelo parque Frogner e pelas docas de Aker, e visitaram a Casa do Meio Ambiente, em Grensen, que abrigava várias organizações ambientais. A caminho de casa, planejaram como seria o grupo ambiental que iam criar. Jonas achou a ideia ótima.

De início, ele seria o responsável por reunir ativistas. Tinha sido sugestão de Anna, porque ela sabia que Jonas era um garoto popular e achava que conseguiria atrair várias garotas para o grupo sem muito esforço. Ele riu.

— Não vai ter só menina, vai?

— Claro que não. Mas conseguindo atrair meninas, os meninos vêm também.

A tarefa principal de Anna seria recortar artigos sobre clima e meio ambiente de jornais e revistas, e encontrar material na internet. Por isso na noite de dez de dezembro ela estava com a tesoura e os jornais na mão. Havia muitas notícias sobre o assunto por conta do fracasso de um acordo de cúpula no Qatar. Ela ainda ia fazer um apanhado de áudios e vídeos do YouTube, podcasts e outras fontes.

Anna largou a tesoura e se sentou ao lado dos pais diante da tv. O filme que passava era sobre o capitão Cook, que observou o trânsito de Vênus na ilha paradisíaca do Taiti, no oceano Pacífico. Trânsito de Vênus é o movimento que o planeta faz diante do disco solar, um fenômeno tão

raro que pode levar mais de um século para se repetir. Na época do capitão Cook, foi importante observá-lo em vários locais do globo simultaneamente, porque só daquele modo foi possível para os astrônomos calcular a extensão do sistema solar.

Anna conseguia perceber um quê de romantismo na viagem que o capitão britânico precisou fazer para uma exótica ilha nos mares do sul para calcular a distância da Terra até Vênus, chamado assim por causa da deusa do amor. Segundo o filme, o capitão e sua tripulação levaram o romantismo ao pé da letra e ficaram mais preocupados com as mulheres da ilha onde aportaram do que com Vênus e distâncias no espaço.

Os créditos do filme subiram e o telejornal da noite começou: o prêmio Nobel da paz tinha sido outorgado à União Europeia. Vinte e um chefes de Estado tinham ido para Oslo. Uma voluntária norueguesa havia sido feita refém na fronteira entre o Quênia e a Somália. Ela se chamava Ester Antonsen e trabalhava para o Programa Mundial de Alimentos.

Anna deu boa-noite aos pais, apanhou os recortes de jornal e o celular novo, e subiu para o quarto. Aquela noite ela nem teria que programar o despertador do celular, porque não haveria aula no dia seguinte: os professores iam fazer planejamento. Mas ela tinha prometido que ligaria para Jonas assim que acordasse.

O dia tinha sido especial. Ela tinha herdado o antigo anel da tia Sunniva. Ganhara o celular novinho que causaria a maior inveja no pessoal da escola. Tinha feito uma boa seleção de jornais antigos e recortado todos os artigos sobre clima e meio ambiente. E logo ia completar dezesseis anos!

Anna estava animada com o que ia sonhar. Sabia que assim que adormecesse sua alma ia se revirar e adentrar outra realidade.